

O TRABALHO PARA A GLÓRIA DE DEUS: O SAGRADO NO LABOR HUMANO

Eduardo Tracci¹

1 INTRODUÇÃO

O propósito desse artigo é o de apresentar um importante conceito da ética protestante do trabalho que afirma que qualquer tipo de labor humano deve ser feito para a glória de Deus. Segundo esse conceito, todo trabalho é realizado, antes de tudo, a Deus, e, por isso, Ele é adorado e glorificado por meio dele. Nesse sentido, os reformadores que estabeleceram os padrões da ética protestante, viam no trabalho um aspecto sagrado.

Pretende-se demonstrar que há uma relação entre o sagrado, o trabalho, e a glória de Deus. Para tanto, inicialmente será apresentado o conceito de sagrado proposto por Eliade, e como ele se relaciona com as atividades humanas. Em seguida, apresentar-se-á uma definição de trabalho, e uma breve análise de como o mesmo foi entendido no transcurso da história, até chegar às mudanças de paradigma propostas pela ética protestante. Finalmente, será analisado o conceito protestante de trabalho como um serviço a Deus que visa Sua glória. Além disso, após a análise desse conceito, serão apresentadas algumas implicações práticas que ele pode ter sobre o labor diário das pessoas.

Na atualidade, é possível constatar que o protestantismo brasileiro desconhece a ética protestante do trabalho. Por isso, o tema proposto é significativo, pertinente e de grande relevância atual, pois visa apresentar um importante conceito sobre o trabalho que pode influenciar positivamente a vida daqueles que o adotar.

2 O CONCEITO DE SAGRADO E SUA RELAÇÃO COM A VIDA HUMANA

¹ Aluno do Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Mackenzie.

Para Eliade (1992, p. 13), “a primeira definição que se pode dar ao sagrado é que ele se opõe ao profano”. Esta oposição entre sagrado e profano é um traço distintivo do pensamento religioso. No entanto, convém salientar que o profano não possui autonomia própria. Ele só existe em sua relação, ou melhor, contraposição ao sagrado.

Na cosmovisão do homem religioso encontra-se o entendimento de que o mundo é permeado pelo sagrado. Ainda que transcendente, o sagrado também é imanente, e por isso, inseparável da realidade. Eliade (1992, p. 97, grifo do autor) assevera que

seja qual for o contexto histórico em que se encontra, o *homo religiosus* acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, que aqui se manifesta, santificando-o e tornando-o real. Crê, além disso, que a vida tem uma origem sagrada e que a existência humana atualiza todas as suas potencialidades na medida em que é religiosa, ou seja, participa da realidade.

O sagrado é um importante elemento da religião, e por isso, o homem religioso sempre busca estar em contato com ele. É verdade, que de certa forma a religião é o reduto do sagrado, pois no ambiente religioso, ele pode ser mais facilmente reconhecido, e, conseqüentemente, adorado e reverenciado. No entanto, não é a religião que cria o sagrado. Ele está em todo o lugar. Por isso, mesmo as atividades entendidas como seculares e, a primeira vista, reconhecidas como desprovidas de qualquer aspecto religioso, são sagradas na medida em que são realizadas em um mundo sagrado. Nesse sentido, a sacralidade do cosmo exige uma vida sacralizada.

O ser humano vive de forma religiosa em todas as esferas de sua existência. A religião transcende aspectos rituais e litúrgicos, e engloba toda a existência humana. Essa realidade é compreendida por Eliade (2010, p. 13, grifo do autor) quando afirma que “nos mais arcaicos níveis de cultura, *viver como ser humano* é em si um *ato religioso*, pois a alimentação, a vida sexual e o trabalho têm um valor sacramental. Em outras palavras, ser – ou, antes, tornar-se – *um homem* significa ‘ser religioso’”.

No entanto, torna-se evidente que há um número cada vez mais significativo de pessoas que se consideram a-religiosas, e isso, não somente por não professarem nenhuma religião, mas também por serem avessas a qualquer tipo de religiosidade.

Ainda assim, é impossível para o ser humano viver totalmente desprovido de conceitos e práticas religiosas, mesmo que ele não as considere como tais. Mesmo os sem religião se comportam de forma religiosa. Por isso, rituais e ideologias religiosas podem ser encontrados na vida do homem a-religioso.

Para Eliade (1992, p. 81), o homem a-religioso é o resultado de um processo de dessacralização. Ele afirma que

para o homem a-religioso, todas as experiências vitais – tanto a sexualidade como a alimentação, o trabalho como o jogo – foram dessacralizadas. Isto quer dizer que todos os atos fisiológicos foram desprovidos de significado espiritual, desprovidos, portanto da dimensão verdadeiramente humana.

Essa dessacralização das experiências vitais e dos atos fisiológicos seria algo completamente estranho para o homem das culturas primitivas. Eliade (1992, p. 14) afirma que “para o ‘primitivo’ um tal ato nunca é simplesmente fisiológico; é, ou pode tornar-se, um ‘sacramento’, quer dizer, uma comunhão com o sagrado”. Ele ainda afirma que “o mundo profano na sua totalidade, o Cosmos totalmente dessacralizado, é uma descoberta recente na história do espírito humano [...] a dessacralização caracteriza a experiência total do homem não religioso das sociedades modernas”.

Quer o ser humano reconheça ou não a existência do sagrado, ainda assim há uma importante relação entre o sagrado e a vida humana, e ele traz grandes implicações sobre a mesma. O sagrado possui tanto um aspecto doxológico como um aspecto ético. Ao mesmo tempo em que ele conduz à adoração e a exige, ele também traz implicações para a orientação da conduta humana (GEERTZ, 2008, p. 93). Em contato com a manifestação do sagrado, o indivíduo deve viver uma vida de adoração, mas também uma vida de moralidade condizente com essa manifestação.

3 O CONCEITO DE TRABALHO E SUA COMPREENSÃO NA HISTÓRIA HUMANA

Mondin (2008, p. 200) define o trabalho como “atividade cansativa com a intenção de modificar as coisas mediante o uso do corpo e de instrumentos”. Por meio do trabalho, o homem objetiva transformar o mundo a sua volta, modificando e moldando as coisas nele

existentes para seu próprio benefício e proveito. Essa definição apresenta o trabalho como uma atividade intencional e consciente que visa um fim específico. Seguindo essa mesma ideia, Costa (2004, p.117) afirma que o “trabalho pode ser definido como o esforço físico ou intelectual, com vistas a um determinado fim”. Esse esforço visa atender alguma necessidade específica do ser humano, de forma a facilitar sua vida.

Ainda que não seja difícil apresentar uma definição de trabalho, a visão e o entendimento sobre o mesmo sempre foram muito variadas. No transcurso da história humana, povos de muitas culturas apresentaram uma visão bastante negativa com relação ao trabalho. Na Grécia antiga, por exemplo, “a filosofia grega dizia que o corpo era a prisão da alma e o trabalho manual era considerado degradante e apenas para escravos”. (VAN TIL, 2010, p. 256). Essa desvalorização do trabalho por parte dos gregos se deve a alguns motivos expostos por Mondin (2008, p. 199): “concepção platônica do homem; exaltação da vida contemplativa; dureza do trabalho (atividade própria dos escravos)”. Havia uma compreensão de que o labor era inferior ao ócio, pois a plena felicidade não seria alcançada em meio às ocupações laborais, mas no repouso. Dessa forma, o trabalho era visto como indispensável, porém não preferível.

McGrath (2012, p. 331) aponta o fato de que

os patrícios sociais da antiga Roma consideravam o trabalho algo incompatível com sua posição social. Essa atitude negativa em relação ao trabalho refletiu no cristianismo primitivo, em especial, no surgimento do movimento monástico.

Influenciados pela visão dos romanos, vários cristãos das primeiras épocas do cristianismo não tinham uma compreensão positiva acerca do valor do trabalho, e tampouco viam algum propósito divino para o mesmo. Por exemplo,

para Eusébio de Cesareia, a perfeita vida cristã era dedicada a servir a Deus, incontaminada pelo trabalho físico. Quem escolhia uma vida de trabalho era um cristão de segunda categoria. Viver e trabalhar no mundo era desistir do chamado cristão de primeira classe, com tudo o que isso implicava. (McGRATH, 2014, 289-290).

No caso de Agostinho, ainda que sua visão sobre o trabalho não fosse tão negativa, tampouco era positiva. Ele “prevenia contra os males da ociosidade, prescritos no trabalho

para os monges, mas apenas como um mal necessário, já que o trabalho era uma punição”. (VAN TIL, 2010, p. 121-122). Em seu livro *A Cidade de Deus* (2000, p. 2326), Agostinho escreveu que “o próprio trabalho, mesmo o que é útil, é um castigo”.

Todo esse entendimento depreciativo com relação ao trabalho alcançou seu auge durante a Idade Média. Ele era visto por muitos como algo degradante ou como uma obrigação necessária para a sobrevivência. O trabalho espiritual ou religioso era visto como superior e mais importante que o trabalho manual. Van Til (2010, p. 256, grifo do autor) comenta que

na Idade Média, havia um idealismo místico falso que enfatizava, em excesso, o espiritual, à custa do corpo e da vida natural do homem [...] A vida do homem comum era um círculo desgastante de trabalho pesado, aliviado apenas pelos dias santos da igreja, que se tornaram os feriados laicos, como o *Mardi Gras*.

Nesse período da Idade Média, aqueles que se dedicavam ao trabalho considerado secular eram menosprezados em detrimento dos que se dedicavam integralmente ao serviço religioso, que era considerado prioritário. Esse desprezo e depreciação são comentados por Biéler (1999, p. 118) quando ele explica que

o trabalho, especialmente o trabalho criador de bens e riquezas, o trabalho manual, se não decaíra mais até o nível do trabalho servil da Antiguidade, foi, todavia, considerado como uma necessidade temporal desprezível como relação aos exercícios da piedade. E aqueles que se dedicavam às atividades econômicas e financeiras, os negociantes e banqueiros, eram particularmente desconsiderados.

Na atualidade, o trabalho é aceito simplesmente como um meio para um fim. Ele é um mero instrumento por meio do qual as necessidades humanas podem ser supridas, e os desejos e sonhos de consumo podem ser alcançados. Van Til (2010, p. 256) afirma que

há um fundamento lógico materialista para a necessidade de trabalho, a saber, para se alimentar. O homem não come para viver, mas vive para comer e consumir, e trabalha para realizar seus desejos na esfera dos apetites animais e das luxúrias da carne. [...] o ponto de vista secular moderno adora o corpo e deseja que o homem se torne um escravo econômico, para ter segurança para o corpo e suas necessidades.

No que diz respeito aos evangélicos, muitos têm uma concepção que afirma haver

uma dicotomia entre o secular e o sagrado, de forma que, todo trabalho que não seja religioso é considerado como de segunda categoria.

Ainda que, tanto no passado como na atualidade, muitos cristãos desassociem o trabalho do sagrado, e não entendem plenamente seu valor, os reformadores asseveravam que esse não era o ensinamento das Escrituras cristãs sobre o mesmo. Por isso, Costa (2009, p. 349) afirma que “a Reforma resgatou o conceito cristão de trabalho”. Foi defendida a ideia de que o trabalho é algo digno e que, por meio dele, o trabalhador serve a Deus, de forma que, mais do que uma mera ação física, ele tem valor espiritual. Essa dignidade do trabalho humano é reconhecida por Calvino (2007b, p. 191) quando ele afirma que “não há nenhuma obra tão humilde e tão baixa que não resplandeça diante de Deus e que não seja considerada por Ele preciosíssima”.

No entendimento Protestante, o valor espiritual do trabalho se deve ao fato de que, ao trabalhar, o ser humano está cumprindo com o propósito divino, aquele que Deus determinou para Sua criatura. Costa (2009, p. 365) afirma que “o homem é um ser que trabalha [...] Faz parte da essência do homem trabalhar”. Isso se deve ao fato de que, ao criar o homem, Deus lhe deu a incumbência de trabalhar. O Criador o capacitou e o vocacionou para isso. Se o homem se recusa a trabalhar, ele está contrariando seu Criador e negando sua própria natureza. Em comentário a esse fato, Biéler (1990, p. 523) alega que

para ser um homem autêntico, realizado, em plena posse de sua humanidade, deve o ser humano trabalhar na fé e na obediência a Deus. Tal é sua profunda vocação. É a isto que foi ele chamado, desde a origem, segundo nos indica a narrativa da Criação. Se não trabalha, não responde a esta vocação.

A compreensão dos reformadores de que o trabalho secular é sagrado, revolucionou a sociedade da época, pois na Idade Média, havia um forte entendimento que promovia uma dicotomia entre a vida sagrada e a vida secular, entre ocupações espirituais e mundanas. De acordo com essa mentalidade, só seria possível servir a Deus totalmente quando se estivesse inteiramente consagrado a Seu serviço. Os demais trabalhos seriam não espirituais, e, portanto, de segunda classe. Lutero, porém, “rejeitava completamente a noção de que os monges e o clero estariam engajados no trabalho sagrado mais do que os

donos de loja ou as donas de casa”. (COLSON; PEARCEY, 2006, p. 180). Na Reforma, houve um entendimento de “que todas as vocações são iguais perante Deus. Pastores, monges, freiras e papas não são mais santos do que fazendeiros, comerciantes, operários de fábrica ou faxineiros”. (VEITH JUNIOR, 2007, p. 32).

Na visão de Lutero e dos demais reformadores,

todo tipo de trabalho, inclusive o que até então era considerado como algo desprezível - o trabalho dos camponeses e dos artesãos - é uma oportunidade para o sacerdócio, para prestar um culto respeitável a Deus e ao próximo. (VEITH JUNIOR, 2007, p. 15).

A visão de que o trabalho também pode ser uma oportunidade aceitável para cultuar a Deus mudou consideravelmente a forma como o indivíduo deveria exercer seu labor. Esta visão foi importantíssima para o surgimento de uma nova perspectiva sobre o trabalho, que na verdade, segundo a opinião dos reformadores, não era nova em absoluto, pois eles acreditavam ser um retorno ao ensino bíblico sobre o trabalho. Essa perspectiva, que será analisada a seguir, aponta para o fato de que o trabalho glorifica a Deus, pois Ele pode e deve ser adorado por meio do mesmo.

4 TRABALHO E GLÓRIA DE DEUS: NOVA PERSPECTIVA NA REFORMA

Na perspectiva Protestante, Deus é, não somente o Criador de tudo o que existe, mas também o Senhor Soberano do universo. Em sua relação com suas criaturas, Ele tem somente direitos e poderes. Conseqüentemente, as criaturas têm somente deveres, e não direitos, para com Deus. Todos os seres humanos existem com o propósito de dar glória a Deus (BEEKE, 2010, p. 57). O Breve Catecismo de Westminster² (2001, p. 7), em resposta ao questionamento sobre qual é o fim principal do homem, declara que “o fim principal do homem é glorificar a Deus, e gozá-lo para sempre”. Não existe ninguém que não esteja sob o domínio soberano de Deus e que não esteja sob a obrigação de cumprir com esse

² Um catecismo é um documento redigido em forma de perguntas e respostas que visa apresentar um resumo das crenças cristãs fundamentais. O Breve Catecismo de Westminster foi produzido em 1647 com o propósito de instruir os jovens cristãos sobre sua fé.

propósito. Ele é soberano sobre todas as esferas da vida humana, e, exatamente por isso, toda a atividade deve ser feita para a glória do seu santo Nome. Isso inclui todo e qualquer tipo de labor humano. Por isso, os primeiros protestantes entendiam que há uma importante relação entre o trabalho e a glória de Deus, e que essa relação aponta para o fato de que todo o labor, mesmo aquele considerado secular, é sagrado e, portanto, cheio de valor.

Na Reforma Protestante houve um resgate do conceito cristão de trabalho como algo que deve ser feito para o bem do próximo e para o louvor do Altíssimo, por isso, “Calvino enfatizou que todo trabalho honesto, não apenas o que é feito dentro de igrejas e monastérios, glorifica a Deus”. (OLASKY, 2011, p. 84). Os reformadores retornaram à fonte das Escrituras para compreender o propósito de Deus para o labor humano. E “essa redescoberta da Bíblia na Reforma Protestante colocou nova luz sobre o trabalho e o progresso dos negócios. O desenvolvimento da ciência e tecnologia no mesmo período se deve muito a essa nova ênfase”. (BARCLAY, 2010, p. 93).

No que diz respeito ao trabalho, Foulkes (1983, p. 138) afirma que “a Bíblia não dá margem a qualquer distinção entre sagrado e secular”. Os reformadores entenderam esse conceito bíblico e, por esse motivo, na mente deles, essa dicotomia era completamente inexistente. Diante disso, as atividades laborais que outrora eram consideradas como seculares, destituídas de qualquer valor espiritual ou sagrado, passaram a ser vistas de outra forma. Álvarez (2009, p. 303, tradução nossa) afirma que “Calvino [...] descobre na Bíblia que toda a ocupação levada a cabo com honra é uma verdadeira vocação, por meio da qual se presta culto a Deus, e, portanto, é tão santa como a dos ministros da Palavra”. Nesse sentido, Lutero tinha esta mesma compreensão de Calvino. Segundo McGrath (2014, p. 289), o reformador alemão alegava que “o que parecem ser obras seculares na verdade são louvores a Deus e representam uma obediência que muito o agrada”.

É possível afirmar que essa visão dos reformadores foi essencial para uma mudança de perspectiva com relação a todo tipo de labor humano, pois “a redescoberta dessa compreensão do trabalho teve um efeito profundo na sociedade a partir da Reforma”. (BARCLAY, 2010, p. 93). O que antes era visto como algo secular, que devia ser tolerado e suportado com o mero fim de suprir as necessidades financeiras, “equivale agora a um

instrumento de serviço a Deus, através do serviço ao próximo”. (ÁLVAREZ, 2009, p. 304, tradução nossa). Surge, então, com esta nova perspectiva, um reconhecimento de que Deus pode ser adorado pelo labor do “homem comum”. Diante disso, Álvarez (2009, p. 304, tradução nossa) afirma que “o trabalho não vale nada em si mesmo, senão somente em razão da nossa adoração a Deus em tempo integral por meio das tarefas comuns”.

5 TRABALHO E GLÓRIA DE DEUS: A ÉTICA TEOCÊNTRICA DE JOÃO CALVINO

Os ensinamentos de João Calvino sobre o trabalho são de extrema importância para a formulação de uma ética que aponta para a glória de Deus. Singer (1973, p. 232, tradução nossa) afirma que

quando Calvino trata, em seus comentários ou sermões, de questões sociais ou econômicas, ele sempre o faz à luz do reconhecimento da soberania de Deus nos assuntos humanos. Primeiramente, o homem vive e atua em seus assuntos sociais e econômicos para a glória de Deus e não para o bem-estar ou o avanço da sociedade como fins em si mesmos. Calvino não assume a posição de que o bem-estar da sociedade não seja importante, e que quando o homem vive para a glória de Deus pode fazê-lo sem importar-se com a sociedade. Tal posição é absolutamente estranha ao calvinismo; mas a sociedade em si mesma nunca tem o primeiro lugar no esquema de lealdades. De fato, Calvino insiste que os homens somente contribuem ao bem-estar da sociedade quando vivem para a glória de Deus.

Essa preocupação com a glória de Deus era um tema central na Reforma Protestante. Um dos principais lemas dos reformadores era expresso pela frase latina *Soli Deo Gloria*. O reformador de Genebra sempre levou muito a sério esse lema, de forma que toda sua teologia e seus ensinamentos apontavam para o mesmo.

Ao comentar sobre a ética de Calvino, Stoker (1973, p. 133) conclui que a mesma possui uma base teocêntrica. Sua ética não só aponta para Deus, como o próprio Deus é sua base e fundamento. Para João Calvino, todas as ações humanas devem estar pautadas pela vontade divina e devem reconhecer Deus como o fundamento último de todas as coisas. Ademais, deve reconhecer-se o fato de que o Deus soberano que governa o universo se relaciona com suas criaturas, e é por elas exaltado, não somente por meio de atos estritamente religiosos, mas também por meio de atividades comuns do cotidiano. Até

mesmo as coisas mais simples como o comer e o beber, devem ser feitas para a glória de Deus, como afirma Paulo em 1 Coríntios 10.31. Em comentário a esse versículo, Calvino (2003, p. 325) afirma “que não há parte alguma de nossa vida ou conduta, por mais insignificante que seja, que não esteja relacionada com a glória de Deus”.

Nessa ética teôcentrica de Calvino, o trabalho ganha dignidade, pois deixa de ser visto simplesmente como um meio de conseguir recursos para a sobrevivência, e passa a apontar para Deus como aquele para quem, em última instância, o trabalho é feito. Isso “implica a transformação de todos os padrões de trabalho e serviço em algo totalmente diferente dos padrões do mundo. Trabalho e serviço devem ser prestados a um senhor terreno, como se fossem oferecidos ao próprio Senhor celestial”. (FOULKES, 1983, p. 138). Todo labor humano quando feito com fidelidade, é recebido por Deus como uma oferta de louvor. Isso ocorre, porque todo trabalho é realizado, antes de tudo a Deus, e, por isso, Ele é adorado e glorificado por meio dele.

Por meio dos ensinamentos de Calvino, houve uma importante mudança de paradigma com relação ao trabalho. Isso se deu porque ele, atrevidamente, contrariou toda visão reinante de sua época. Como exemplo, é possível mencionar que

a teologia de Calvino levou diretamente de uma percepção do trabalho como algo humilhante da perspectiva social, se necessário no sentido pragmático, melhor confiada aos de classe inferior, para um meio dignificante e glorioso de louvar a Deus em sua criação e por intermédio dela ao mesmo tempo em que contribui para o bem estar dessa criação. (McGRATH, 2012, p. 332-333).

A ética do trabalho de Calvino está fundamentada nas Escrituras, e surge como resultado da análise dos textos bíblicos que tratam sobre o assunto. Essa nova ênfase ao labor como forma de serviço a Deus, “sem dúvida, foi baseada na passagem de Efésios 6 e outros textos do Novo Testamento, nos quais existe um ensinamento muito claro com relação ao trabalho”. (BARCLAY, 2010, p. 93). Em seu comentário de Efésios 6.6-8, Calvino (2007, p. 147) afirma que, a respeito dos trabalhadores, Paulo “declara que, enquanto servem fielmente a seus senhores, na verdade estão obedecendo a Deus”. E ainda acrescenta que “Deus aceitará seus serviços como que prestados a ele próprio”. (2007, p.

148). O entendimento do reformador aponta para o fato de que, ainda que existam senhores terrenos, para os quais os trabalhadores prestam seus serviços, há um Senhor celestial e transcendente que governa sobre tudo e todos, e é a Ele que os serviços devem ser realmente prestados.

Outro texto bíblico extremamente importante para este conceito sobre o trabalho é o de Colossenses 3.22-23. Comentando essa passagem, Calvino (2010, p. 96) afirma que

se deve prestar aos homens um serviço de tal maneira que ao mesmo tempo Cristo mantenha a supremacia de domínio e seja o Senhor supremo. Aqui, realmente, oferece-se consolação a todos os que se acham sob sujeição, visto que são informados de que, enquanto espontaneamente servem a seus senhores, seus serviços são aceitáveis a Cristo, como se fossem prestados a ele.

A interpretação de Calvino destes textos paulinos, que ensinam os preceitos divinos sobre o trabalho, foi imprescindível para a formulação de uma ética laboral bíblica e teocêntrica. Ao comentar estes textos bíblicos, ele propôs os parâmetros para uma ética teocêntrica do trabalho, na qual Deus ocupa um lugar de eminência. Para Calvino, Deus é o centro em torno do qual tudo gira. Ele é a base e o fim supremo de todas as coisas.

Como é possível observar, os ensinamentos de João Calvino sobre esse assunto foram de fundamental importância para a concepção da ética protestante do trabalho. Por isso, Biéler (1990, p. 538-539) afirma que

Calvino, fundamentando-se nas Escrituras, é um dos raros teólogos a pôr em evidência, com tanta clareza, a participação do trabalho do homem na obra de Deus. Destarte, conferiu ele ao labor humano dignidade e valor espirituais que jamais teve na Escolástica, nem, por mais forte razão na Antiguidade. Este fato irá ter grandes repercussões no desenvolvimento econômico das sociedades calvinistas.

6 TRABALHO E GLÓRIA DE DEUS: TRABALHANDO PARA O REI

Traeger e Gilbert (2014, p. 181) afirmam que “o valor do nosso trabalho não se encontra, enfim, em alguma coisa específica que fazemos; ele se encontra no fato de que, seja o que for que estivermos fazendo, nós o fazemos para o nosso Rei”. Esta é uma

questão essencial, porque a pessoa para quem se trabalha é mais importante do que o tipo de trabalho realizado. E essa pessoa, de acordo com os textos bíblicos de Efésios 6.5-7 e Colossenses 3.22-24, é o próprio Cristo. Independente da vocação ou do trabalho desenvolvido, tudo deve ser feito para glorificar a Jesus. De modo que, o trabalho não é apenas uma forma de passar o tempo e ganhar dinheiro. Na verdade, o trabalho é um serviço prestado ao próprio Senhor (TRAEGER; GILBERT, 2014, p. 21-22).

Se o cristão reconhece que Cristo é o Rei e o Senhor de sua vida, todo trabalho por ele realizado deve ser feito como um serviço a Cristo. Nesse sentido, o texto de Efésios 6.5 é de particular importância, porque Paulo se dirige aos escravos dizendo que eles devem obedecer a seus senhores “como a Cristo”. Esse deve ser o parâmetro para seu labor diário. Em explicação a essa frase “como a Cristo”, Barclay (2010, p. 91) afirma que o ensino de Paulo

é que os escravos deviam servir como se recebessem ordem do próprio Cristo em seus trabalhos, e não de seus mestres terrenos. O espírito e a atitude deles no trabalho deveria ser como se Cristo fosse o seu supervisor. Eles não devem ficar contando as horas, ou negligentes, ou trocando favores, antes devem buscar fazer bem o seu trabalho.

Segundo Foulkes (1983, p. 138-139, grifo do autor), o ensino de Paulo aponta para o fato de que “os empregados cristãos são servos – ou mesmo ‘escravos’ – não meramente de homens, mas *de Cristo*. Assim sendo, o apóstolo reitera que todo serviço deve ser feito *como ao Senhor, e não como a homens*”. Hendriksen (1992, p. 329), em seu comentário sobre o texto de Efésios 6.6, também concorda com este fato. Ele afirma que o desejo de Paulo era ensinar seus leitores que o serviço por eles realizado deveria ser feito com energia e entusiasmo como se estivessem trabalhando para Cristo, pois, na verdade, eles realmente estavam fazendo isso para Cristo.

Na teologia dos reformadores havia uma forte ênfase no senhorio de Cristo, e o entendimento deles era o de que esse senhorio não se estendia somente sobre a religião ou sobre os aspectos religiosos da vivência humana. Cristo era visto como Rei e o Senhor de todas as coisas, e em decorrência desse fato, todas as coisas deveriam ser feitas para Ele. Isso não dizia respeito somente às atitudes predominantes religiosas, mas a todas as

atitudes e ações praticadas pelos seres humanos. Nesse sentido, o trabalho não poderia ser excluído, pois ele também se encontrava sob o senhorio e o domínio do Rei.

7 TRABALHO E GLÓRIA DE DEUS: ORA ET LABORA

O fato de que Deus possa ser adorado por meio do trabalho, o relaciona de certa forma, com a religião. As atividades laborais devem ser feitas diante do Senhor e para Ele, ou seja, “o homem deve servir a Deus em seu chamado diário, o que é o conteúdo da religião”. (VAN TIL, 2010, p. 42). Isso implica afirmar que a religião vai além do culto e da adoração. Segundo Van Til (2010, p. 44-45),

o lema de nossos patriarcas reformados, que empregaram o latim, era *ora et labora* (ore e trabalhe) [...] A religião, então, tem esses dois aspectos, de fato, não exclusivos visto que alguém pode muito bem orar e cantar enquanto trabalha com as mãos. No entanto, há duas atividades distintas enraizadas na religião: culto e cultura, adoração e trabalho, *ora et labora*, aspiração e transpiração. E não só nossa aspiração deve estar sob a inspiração do Espírito, como também nossa transpiração; cada partícula de energia gasta, física ou mental, deve ser no serviço de Deus, portanto inspirado.

Trabalho e adoração, apesar de diferentes, não são realidades excludentes. Deus é adorado por meio do trabalho, mas isso não exclui a necessidade de adorá-lo por meio de louvores. Da mesma forma, a adoração oferecida a Deus no culto público não isenta o homem da responsabilidade de adorar seu Criador por meio de seu labor. Por isso, Van Til (2010, p. 45) afirma que “restringir a religião tanto ao aspecto de adoração quanto ao de serviço é quebrar aquilo que Deus colocou junto, pois Deus, o Senhor, exige ambos, adoração e trabalho; religião consiste em culto e cultura”.

É importante salientar que os reformadores não queriam dizer que o trabalho passa a ocupar o lugar da oração ou da adoração, e tampouco que consistia numa melhor forma de prestar culto à divindade. Para eles, não havia um dualismo entre trabalho e adoração, pois entendiam que Deus podia ser adorado por ambos os meios.

Pennings (p. 373, 2010) aponta que, “em contraste com o dualismo medieval, que via a contemplação como a melhor maneira de adorar a Deus, os reformadores enfatizaram como toda a atividade de trabalho pode ser vista como adoração”.

Esse entendimento é importante a fim de evitar o erro cometido por alguns que afirmam que, na visão protestante, o trabalho se torna mais importante que a adoração. Esse erro interpretativo é cometido por Carmo (p. 38, 2005) que, ao comentar sobre a ética protestante, diz o seguinte: “Sendo o trabalho a melhor oração, a obtenção de êxito e prosperidade por meio dele revela a condição de ‘eleito’ para entrar no reino de Deus. Trabalhar passou a constituir a própria finalidade da vida”. Carmo se equivoca ao afirmar que os protestantes viam o “trabalho como a melhor oração”, pois, para eles, o trabalho era, não a melhor e tampouco a única, mas uma maneira a mais de se adorar a Deus.³

De acordo com essa visão protestante, de que por meio do labor humano, Deus pode ser adorado e glorificado, é possível afirmar que o trabalho, mesmo aquele que não esteja ligado diretamente ao serviço da religião, contém um aspecto religioso e sagrado. Stoker (1973, p. 134, tradução nossa) declara que

a religião, em seu sentido mais amplo, está presente onde quer que o homem relacione todas suas ações – incluindo atividades culturais tais como o desenvolvimento da ciência, a construção da linguagem, a criação da arte, a atividade econômica, a ação moral e legal, etc., igualmente os assuntos do matrimônio, família, nação, estado e sociedade, e também a história e a técnica – a Deus, aceitando tudo como sua resposta à vocação ou comissão divina, para a qual Deus lhe proveu capacidade e talentos, e também circunstâncias e oportunidades mediante as quais ele possa glorificar a Deus.

Em concordância com esse princípio da ética protestante, Olasky (2011, p. 85) afirma que “nenhum trabalho feito para Deus é secular”. A partir da lógica apresentada pelos reformadores de que todo o trabalho é feito primeiramente a Deus a fim de adorá-lo, logo se entende que todo o trabalho é sagrado.

³ Além do erro já mencionado na frase de Carmo, outros dois podem ser citados: (1) Quando afirma que para os protestantes “trabalhar passou a constituir a própria finalidade da vida”, ele parece desconhecer o princípio reformado que declara que a finalidade principal da vida é glorificar a Deus. É verdade que os protestantes reconhecem que Deus pode e deve ser glorificado por meio do trabalho, mas este é um meio e não um fim. (2) Nem Lutero e nem Calvino entendiam que “a obtenção de êxito e prosperidade por meio dele [trabalho] revela a condição de ‘eleito’ para entrar no reino de Deus”. Eles criam que o eleito reconhece sua eleição pela obra graciosa e soberana que Deus realizou em sua vida ao uni-lo a Cristo, e não por meio de sua prosperidade financeira.

8 IMPLICAÇÕES PRÁTICAS

Quais seriam as implicações práticas sobre o trabalhador no seu labor diário do entendimento de que o trabalho é uma forma de adoração a Deus? O correto entendimento desse conceito da ética protestante pode trazer algum benefício para o cristão no desenvolvimento de suas tarefas laborais? A resposta para esses questionamentos deve ser positiva. A ideia de que é possível servir e adorar a Deus por meio do trabalho traz profundas e importantes implicações para o trabalhador em suas atividades laborais cotidianas. Esse conceito afeta a forma como o trabalho é encarado, a maneira como o mesmo deve ser realizado, e, inclusive, o tipo de vocação que deve ser seguida. Os puritanos, por exemplo,

lidavam com a questão sobre qual vocação seguir não apenas perguntando o que seria melhor para eles e sua família, mas também por perguntarem como os dons que Deus lhes dera poderiam ser usados para glória de seu nome em um contexto mais amplo. (PENNING, 2010, p. 376).

8.1 Vivendo e trabalhando coram Deo

O entendimento dessa realidade sobre a soberania divina e sobre a responsabilidade humana de viver para glória de Deus “implica ver toda a vida *coram Deo*, ou seja, vivida diante da face de Deus”. (BEEKE, 2010, p. 57). Este termo latino representa um importante conceito para os reformadores. “De acordo com Lutero, toda a vida é transcorrida *coram Deo*, sob a vigilância do Deus vivo”. (GEORGE, 1994, p. 322). George (1994, p. 60) ainda declara que “Calvino fez uma afirmação semelhante ao insistir que, em todas as dimensões da vida, os seres humanos têm ‘negócios com Deus’ (*negotium cum Deo*)”. E em sua obra *A Verdadeira Vida Cristã*, Calvino (2008, p. 84) escreve que o trabalho humano é “importante ante os olhos de Deus (*Coram Deo!*)”.

Quando existe essa compreensão de que todas as coisas são feitas diante de Deus, haverá um esforço para glorificá-lo em toda atividade realizada, seja ela secular ou religiosa. Segundo Kuyper (2002, p. 63),

onde quer que o homem possa estar, tudo quanto possa fazer, em tudo que

possa aplicar sua mão – na agricultura, no comércio e na indústria – ou sua mente, no mundo da arte e ciência, ele está, seja no que for, constantemente posicionado diante da face de seu Deus, está empregado no serviço de seu Deus, deve obedecer estritamente seu Deus e, acima de tudo, deve objetivar a glória de seu Deus.

De acordo com essa concepção de Kuyper, é possível afirmar que viver *coram Deo* implica três realidades: viver na presença de Deus (“constantemente posicionado diante da face de seu Deus”), viver sob a autoridade de Deus (“deve obedecer estritamente seu Deus”) e viver para a glória de Deus (“deve objetivar a glória de seu Deus”).

O entendimento de que o cristão deve viver na presença de Deus, sob Sua autoridade e para Sua glória, afetará positivamente seu labor diário. Isso o encherá de temor e reverência, impulsionando-o a realizar seu trabalho da melhor maneira possível. Como afirma Crotts (2013, p. 58), “o temor do Senhor inspira uma ética de trabalho disciplinada, mesmo quando não há ninguém ao redor. Saber que o Senhor Jesus está observando desafia o sábio a trabalhar fielmente”.

8.2 Trabalhando com fidelidade

Essa segunda implicação é, na verdade, um desdobramento da anterior. Como afirmado anteriormente, trabalhar *coram Deo* requer que as atividades laborais sejam realizadas com fidelidade e compromisso. Segundo Plantinga (2008, p. 122, grifo do autor), “a questão [...] não é o tipo de chamado que cada um tem, mas quão fiel é o envolvimento dele com o chamado”.

Por isso, mais importante do que o tipo de trabalho é a maneira como ele é feito. E a forma como ele é feito está relacionada à disposição interior do trabalhador, àquilo que o move e o impulsiona a fazer sua tarefa. “Em todas as coisas o espírito com que é feito o trabalho é o que importa e não simplesmente o produto final tal como o homem o vê – tudo o que se faz, deve ser feito *de coração e de boa vontade*”. (FOULKES, 1983, p. 139, grifo do autor). Nesse sentido, a fidelidade na realização de qualquer tarefa laboral é o reflexo de um espírito disposto e voluntarioso. Em concordância com esta realidade, Costa (2009, p. 363-364) escreve que

o trabalho deve ser feito como uma prenda a Deus, independentemente dos senhores terrenos. Deste modo, o que de fato importa não é o trabalho em si, mas o espírito com o qual ele é feito; a dignidade deve permear todas as nossas obras, visto que as realizamos para o Senhor. A prestação de contas de nosso trabalho deverá ser feita a Deus.

O trabalhador tem, diante de Deus, a obrigação e a responsabilidade de trabalhar para a glória do Altíssimo. No entanto, isso somente ocorrerá se o trabalhador realizar seu labor com honradez, integridade e honestidade. Costa (2014, p. 177) afirma que “é necessário [...] que glorifiquemos a Deus em nosso trabalho pela forma legítima como o executamos”.

Quando o trabalhador realiza um trabalho bem feito, primoroso e caprichado, sem dúvida, ele será recompensado por Deus. Pois,

o trabalho mais simples que fizermos em resposta a um chamado honesto, seja ele arar a terra, ou cavá-la, se feito em obediência e consciente de que obedecemos ao mandamento de Deus, é coroado com plenas recompensas; enquanto que o que é considerado um trabalho intrinsecamente mais nobre (pregar, orar, oferecer algo ao trabalho evangelístico), se for realizado sem o devido respeito às determinações e à glória de Deus, será acompanhado de maldições. Deus ama advérbios; para ele o importante não é quanto é bom o trabalho, mas quanto ele é *bem* feito. (JOSEPH HALL apud PLANTINGA, 2008, p. 122, grifo do autor).

9 CONCLUSÃO

A ética protestante do trabalho revolucionou a forma como o trabalho era entendido. Como visto, essa ética foi fundamentada no ensino das Escrituras sobre o trabalho. Na verdade, pode-se dizer que houve um redescobrimto de verdades bíblicas que estavam até então esquecidas ou que haviam sido mal interpretadas.

Entre os reformadores que foram instrumentos para a elaboração dessa ética, ficou patente a importante colaboração de João Calvino. Em relação a Calvino, pode-se dizer que ele foi o grande sistematizador da ética protestante do trabalho. Não que ele tenha escrito livros ou tratados específicos sobre o assunto. No entanto, em suas pregações, comentários bíblicos e demais escritos, sempre que o tema do trabalho vinha à tona, ele o

expunha de maneira bíblica e coerente. Por isso, sua contribuição para o tema foi de incontestável importância.

No que diz respeito à relação entre o sagrado e o trabalho, conclui-se, que no entendimento da ética protestante do trabalho, todo o labor realizado pelo homem é sagrado, e isso se dá por, pelo menos, três razões:

1. Porque o trabalho é feito em um mundo que é sagrado, pois foi criado por um Deus, que é santo.

2. Porque o trabalho é uma resposta humana a um chamado divino. Deus chama e vocaciona o ser humano ao trabalho, e ao trabalhar, ele cumpre com o propósito e a vocação divina.

3. Porque o trabalho, mesmo aquele que possa ser entendido como secular, é feito primeiramente a Deus, como um serviço a Ele. Deus pode e deve ser servido, cultuado e adorado por meio do trabalho humano.

A ética protestante reforça o fato de que há dignidade no trabalho. Seu valor excede em muito o material, pois ele é sagrado e tem valor espiritual. O ser humano não é salvo por meio de seu trabalho e ele tampouco serve para confirmar o fato de que foi eleito por Deus. No entanto, ao trabalhar, o homem serve e adora seu Criador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*, Volume III. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

ÁLVAREZ, Eliseo Pérez. La Ética Calvinista. In: CERVARTES-ORTIZ, Leopoldo (Ed.). *Juan Calvino: su vida y obra a 500 años de su nacimiento*. Barcelona: CLIE, 2009. 292-328.

BARCLAY, Oliver. *Mente Cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

BEEKE, Joel R. *Vivendo para a Glória de Deus*. São José dos Campos: Fiel, 2010.

BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*. São Paulo: Cultura Cristã, 1990.

BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

BREVE CATECISMO DE WESTMINSTER. 6. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

CALVINO, João. *1 Coríntios*. 2. ed. São Bernardo do Campo: Parakletos, 2003.

CALVINO, João. *Efésios*. São José dos Campos: Fiel, 2007.

CALVINO, João. *A Instituição da Religião Cristã*, Tomo 2. São Paulo: Unesp, 2007b.

CALVINO, João. *A Verdadeira Vida Cristã*. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

CALVINO, João. *Colossenses*. São José dos Campos: Fiel, 2010. (e-book).

CARMO, Paulo Sérgio do. *A Ideologia do Trabalho*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

COLSON, Charles; PEARCEY, Nancy. *O Cristão na Cultura de Hoje*. São Paulo: CPAD, 2006.

COSTA, Hermisten M. P. *Raízes da Teologia Contemporânea*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

COSTA, Hermisten M. P. *João Calvino 500 anos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

COSTA, Hermisten M. P. O Trabalho como Exercício Criativo e Alegre da Vocação de Deus – Fundamentos e implicações: uma aproximação reformada (1). *Ciências da Religião: história e sociedade*, São Paulo, v. 12, n.1, p. 168-202, jun. 2014.

CROTTS, John. *Homens Sábios: a sabedoria dos Provérbios para homens*. São José dos Campos: Fiel, 2013 (e-book).

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. *História das Crenças e das Ideias Religiosas I*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FOULKES, Francis. *Efésios: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1983.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1994.

HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: Exposição de Efésios*. São Paulo: Cultura Cristã, 1992.

KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

McGRATH, Alister. *A Revolução Protestante*. Brasília: Palavra, 2012.

McGRATH, Alister. *O Pensamento da Reforma*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

MONDIM, Battista. *O Homem, Quem é Ele?: elementos de antropologia filosófica*. 13. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

OLASKY, Marvin. O Roteiro Secular no Reino de Deus: Calvino sobre o significado cristão da vida pública. In: PIPER, John; MATHIS, David (Orgs.). *Com Calvino no Teatro de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. 79-91.

PLANTINGA, Cornelius. *O Crente no mundo de Deus: uma visão cristã da fé, da educação e da vida*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

PENNINGS, Ray. Trabalhando para a Glória de Deus. In: BEEKE, Joel R. *Vivendo para a Glória de Deus*. São José dos Campos: Fiel, 2010. 367-378.

SINGER, C. Gregg. Calvino y el orden social o Calvino como hombre de estado en el económico y en el social. In: HOOGSTRA, Jacob T. (Org.). *Juan Calvino, Profeta Contemporáneo*. Barcelona: CLIE, 1973. 231-246.

STOKER, H. G. Calvino y la ética. In: HOOGSTRA, Jacob T. (Org.). *Juan Calvino, Profeta Contemporáneo*. Barcelona: CLIE, 1973. 129-150.

TRAEGER, Sebastian; GILBERT, Greg. *O Evangelho no Trabalho: servindo Cristo em sua profissão com um novo propósito*. São José dos Campos: Fiel, 2014.

VAN TIL, Henry R. *O Conceito Calvinista de Cultura*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

VEITH JUNIOR, Gene Edward. *Deus em Ação*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.